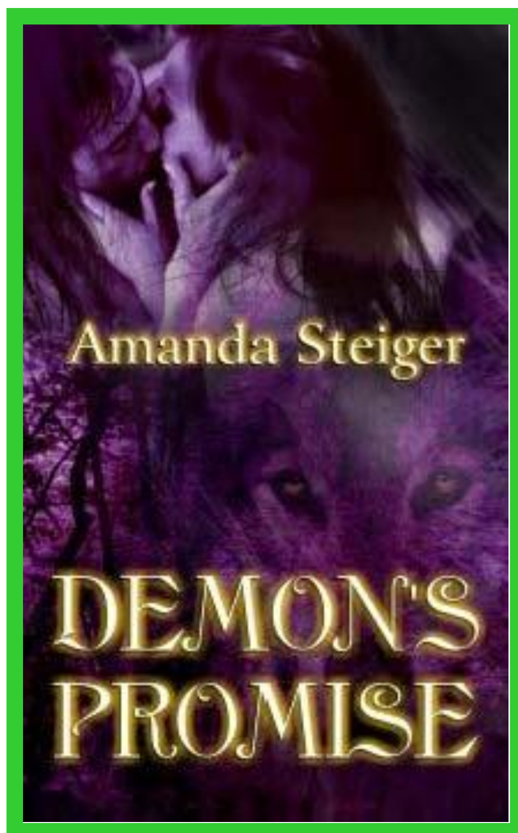
PROMESSA DO DEMÔNIO

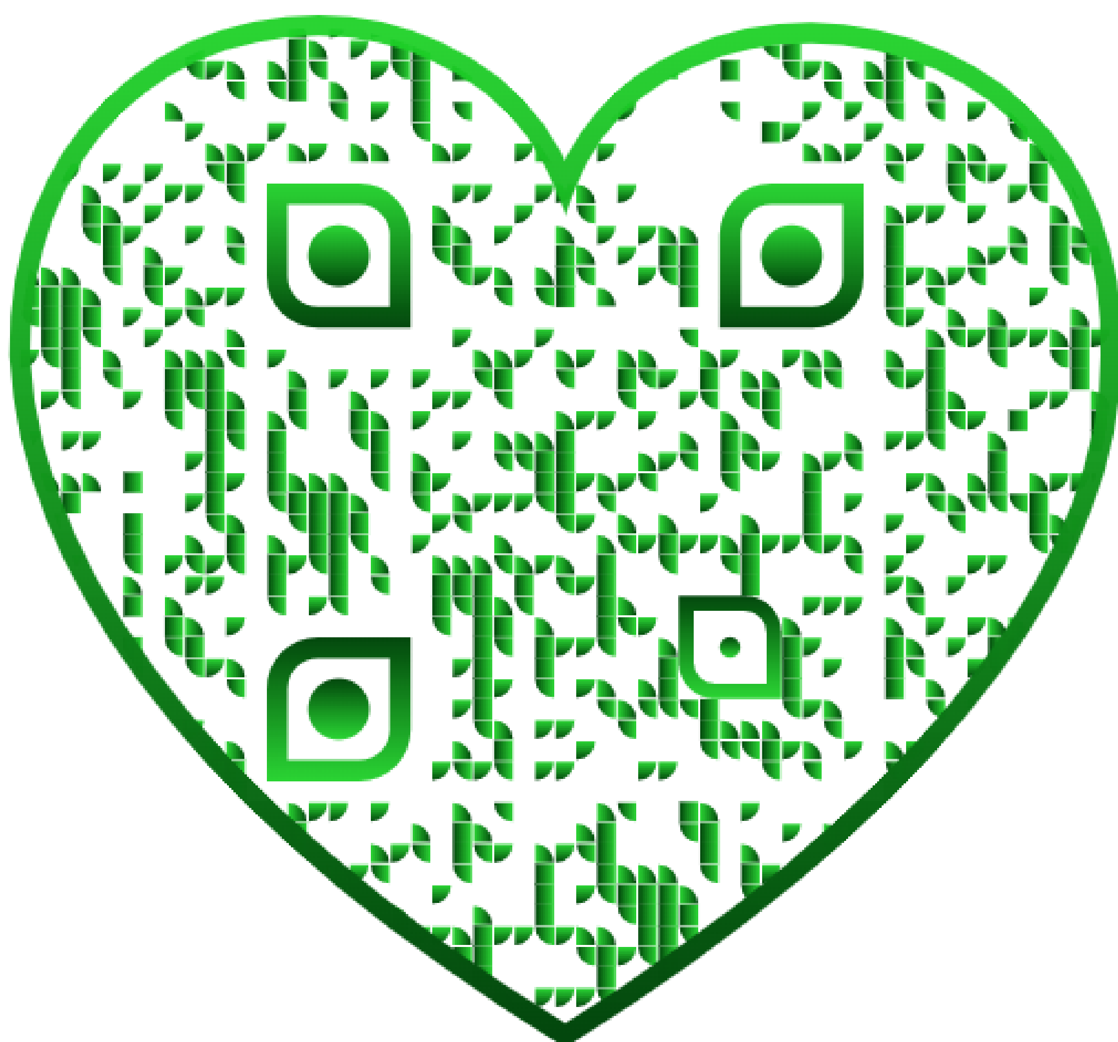
Demons Promise

AMANDA STEIGER



TRADUTORA: Tasha Costa
REVISORA INICIAL: Tasha Costa
REVISORA FINAL: Catia Alves
FORMATAÇÃO: Catia Alves





Sinopse

Ashrin é um lobo-demônio, um metamorfo, odiado e temido por todo o mundo. Caçado como um animal e trancado em uma cela escura, ele é sentenciado à morte pelo crime de sua existência.

No momento em que Shana olha em seus olhos sabe que deve ajudá-lo de alguma maneira, mas nunca suspeitou que ele iria tentar tomá-la como sua companheira de vida, que ela encontrar-se-ia ansiosa por seu toque, por desvendar todos os seus segredos e que suas mãos iriam acender um fogo incontrolável no seu corpo e em seu coração.

Ashrin lhe promete um mundo de alegria sensual e prazeres proibidos, mas ela poderia confiar em um demônio?

Shana perscrutou a cela, um lobo enorme, preto estava no chão. O lobo levantou sua cabeça e olhou fixamente para ela com olhos dourados, penetrantes. Shana tragou. Sua boca ficou seca. Os olhos estavam olhando diretamente nos seus, e o olhar fixo era inteligente e acusatório. Os lábios escuros do lobo franziram de volta, com presas longas, brancas, brilhando com saliva. Lentamente levantou-se, fazendo com que as correntes ao redor suas pernas chocalhassem. Shana ofegou suavemente e recuou um passo.

— Não se preocupe minha senhora, - disse Brun. Ele permanecia a seu lado, grande e sólido, sua presença familiar e reconfortante na escuridão do calabouço. — Aquelas correntes são de metal estrelar. Nada vivo pode atravessá-las, nem mesmo uma criatura antinatural assim.

Agora que a besta estava em pé, podia ver quão grande era; muito maior que um lobo normal. Ela achou que isto pesava mais que as palavras de Brun. Pelo espesso, felpudo, cobria seu corpo, mas não o ferimento aberto em seu lado. Podia ver uma mancha escura, sangue seco no chão de pedra de cela.

— Aquele ferimento não foi tratado? - Ela perguntou.

Brun levantou uma sobrancelha.

— Você quereria colocar bandagem nele? Qualquer um que coloque o pé em uma cela com uma besta assim corre o risco de perder um membro ou a vida. Nós tentamos dar água drogada para acalmá-lo, mas a besta não bebeu, então nós estamos esperando que ele se debilite. Nós imaginamos que alguns dias sem comida tornarão a besta mansa.

— E então? - Shana perdida. — O que eles vão fazer com ele... isto?

Ele passou seus dedos pensativamente por sua barba espessa, avermelhada.

— Pô-lo para morrer e deixar os alquimistas dissecarem, eu imagino. Então provavelmente vão encher e montar tudo novamente. Então dissecá-lo mais uma vez; poderia ser má sorte mantê-lo ao redor. Até seu cadáver poderia ter alguma magia do mal.

Shana mordeu seu lábio inferior. Os olhos do demônio lobo estavam ainda sobre ela. Ela achou difícil de acreditar e olhou para longe.

— É verdade que eles podem assumir forma humana? - Ela perguntou.

— Oh, sim. É isso que os faz tão perigosos. Eles podem se mover em forma humana, viver entre nós. Brun levantou sua lanterna,

iluminando o rosto do lobo. A luz iluminou as íris douradas, fazendo-as brilhar como moedas.

— Entretanto você pode reconhecê-los se souber os sinais. Eles todos têm aqueles olhos amarelos, até em forma humana. E um cachorro pode cheirar a diferença. Se eles localizam um demônio, eles começam a latir como loucos, não importa em que forma está. Assim é como os caçadores de sua mãe pegaram este aqui. Caso contrário, eles poderiam tê-lo confundido com uma mera besta. - Ele esfregou a ponta de seu nariz. — Uma boa luta, pelo que disseram. Quando vieram atrás dele, ele se transformou; são quase invencíveis em forma de lobo. Os caçadores tiveram que enchê-lo de flechas antes de diminuir a velocidade. Você não quer topar com um destes monstros no bosque, minha senhora.

Um grunhido baixo rebelou-se na garganta do lobo, e soltou um latido feroz, fazendo Shana vacilar. Seus olhos voltaram para o ferimento em seu lado.

Ele não era um animal. Era um ser inteligente que eles iriam matar.

— Realmente tem que morrer? - Ela perguntou.

— É muito perigoso para viver, - Brun firmemente respondeu.

— Mas ele não machucou ninguém... machucou?

— Ele poderia.

— Mas você não sabe. Como você pode assumir que ele é mau?

Ele fez uma carranca.

— É um demônio. Eles são maus por natureza. Eu sei que você tem um coração brando, mas sua compaixão é desperdiçada nesta criatura. O mundo será um lugar melhor quando aquele coração monstruoso parar de bater.

Shana mordeu seu lábio inferior, olhando fixamente para o demônio. Seus olhos fixados nos seus... e de repente, ela não podia se mover, não podia respirar. Seu coração batendo em sua garganta. Sentia aquele olhar fixo pelo corpo inteiro. Sua pele formigou.

Shana.

Ela deu um salto. Era como se uma voz falasse no interior sua cabeça. Uma profunda e masculina voz.

— Está bem?

Apenas ouviu a voz de Brun. Não podia deixar de olhar aqueles olhos. Nada mais existia.

— Está bem! As mãos agarraram seus ombros e giraram seus dedos nitidamente longe da tranca da cela.

Ela piscou seus olhos lentamente recuperaram o enfoque.

— O que? - perguntou à Brun.

— Você está bem?

— Sim, eu estou bem, - ela disse surpresa pelo tom normal de sua voz. Seu coração estava ainda galopando, e sua pele formigava com uma energia estranha, morna.

Ele fez uma carranca.

— Eu acredito que é melhor que vá, - disse. — O calabouço não é lugar para uma senhora jovem estar gastando sua manhã.

Ela movimentou a cabeça, ofuscada. O guarda a levou para o corredor vagamente iluminado, longe da cela, ela lançou um olhar para trás pela última vez, no demônio. Seus olhos estavam ainda encarando-a, sem piscar e dourados.

Brun a levou acima um lance de degraus de pedra, que eram úmidas e com lodo.

— Preste atenção onde pisa, - ele disse, e Shana movimentou a cabeça. Ela ergueu seu vestido para evitar que encostasse os degraus imundos.

Realmente não se importava com o vestido, mas se ficasse sujo, sua mãe poderia ver, e perceberia que esteve no calabouço. Sabia que a mãe não aprovaria, mas ela quis - precisou - ver o demônio, por si mesma. Não soube exatamente por que, mas pareceu terrivelmente importante. Claro, se Brun mencionasse sua visita para mãe, Shana estaria em apuros. Mas sua mãe raramente falava com os guardas, exceto para emitir ordens, assim não existia muita chance de que soubesse.

Eles alcançaram o enorme portão de carvalho no topo dos degraus, e Brun o abriu. Shana piscou com a luz solar repentina, brilhante.

— Você está bem, Senhorita Shana? - Ele perguntou. — Está pálida como um lençol.

Ela deu um sorriso leve.

—Eu estou só... um pouco agitada, isto é tudo, - ela disse. — É a primeira vez que eu vi um demônio preso. Eu estarei bem em um momento.

— Se você diz isso, - ele falou, entretanto estava franzindo as sobrancelhas. — Você gostaria que eu caminhasse com você de volta para a casa?

— Não. - Ela agitou a cabeça. — Eu estou bem. Honestamente. Obrigado, senhor. - Ela andou pela porta aberta, no campo gramado, olhou a construção de pedra sem janelas. A porta rangeu fechando atrás dela e ouviu o estalo da tranca.

* * * *

Ashrin estava enrolado no chão de sua cela, seu estômago roncando. Ele tentou o seu melhor para ignorar a fome. Existia uma

peça fresca, de carne de carneiro crua, no canto oposto da cela, mas sabia que estava drogado. Eles o queriam inconsciente; muitos alquimistas podiam cortá-lo, abri-lo enquanto vivo, e tomar amostras de seu sangue, de forma a colherem amostras dele. Bem, maldito se faria isto fácil para eles!

Ele rosnou suavemente e truncado. O ferimento em seu lado doía, mas pelo menos parara de sangrar. Um ferimento tão fundo teria matado uma criatura mortal, mas seu corpo podia curar quase qualquer dano, dado suficiente tempo. Sem comida e água, porém, o processo curativo seria lento e agonizante. E a menos que conseguisse algo para comer, nunca teria a força para desaparecer inesperadamente desta prisão maldita.

Com frustração constante, ele começou a roer suas correntes novamente, entretanto o fez por horas e nem mesmo arranhou o metal. Ele só teria sucesso em fazer suas gengivas sangrarem e doer às mandíbulas. Metal estrelar era a única substância no mundo mais dura que dentes do demônio de lobo. Alguns humanos chamaram o metal de deus-prateado, por causa de suas supostas propriedades santas. Para Ashrin, era material mais do mal. Sua mera presença parecia extrair suas forças, e seu cheiro frio, amargo fez enrugar o nariz.

Ele ouviu passos, suas orelhas voltadas em direção ao som... mas era só o guarda, Brun, vindo para averiguá-lo novamente. O rosto redondo do homem espiou através das barras, e os lábios de Ashrin se contraíram em um rosnado instintivo. Estes homens eram todos tão gordos e suaves, como ovelhas em um curral. Ashrin nunca comeu um humano, mas ainda assim, ele era um predador por natureza, e o guarda cheirou como carne. Sua boca aberta, salivando.

— Eu vejo que nós decidimos ser teimosos, - Brun suspirou, olhando carne intocada. — Bem, não fará diferença no final das contas. Não pode ir longe sem comida. Está apenas prolongando seu sofrimento.

Ashrin rosnou suavemente quando viu o guarda ir embora. Suas narinas torceram. As roupas do guarda ainda tinham o odor persistente da menina chamada Shana. Quão surpreso ficara ao ver uma mulher neste calabouço, sujo, fedorento, e mais surpreso ainda pelo cheiro muito tênue de magia emanando dela.

Ele imaginou isto? Não. Viu seus olhos escuros alargarem quando ele falou com a mente seu nome. Tinha um toque do dom, ainda que não percebesse isto. Caso contrário, não poderia ouvir sua voz. Telepatia: ali estava um talento perdido no meio de humanos.

Ela mexeu com sua curiosidade, entre outras coisas. Até em forma de lobo ainda era um homem, e respondeu à proximidade e odor de uma mulher jovem e bonita. Ele lembrou vivamente o modo

que a seda verde pálido de seu vestido se colava naqueles seios altos, firmes, e tão pequenos, firmes...

Ele agitou sua cabeça com um grunhido suave. Tinha preocupações mais importantes no momento.

Ainda assim seus pensamentos voltaram para ela todo tempo, embora tentasse afastá-los. Perguntou-se por que sentiu tal tristeza em sua mente. Uma mulher assim, a filha de uma senhora tão rica e importante... Certamente, ela tinha tudo que podia desejar. Seguramente, ele imaginou.

Ou seria possível que ela, como ele, era uma prisioneira?

* * * *

Shana deslizou em silêncio pela porta principal da mansão. Olhou ao redor e esgueirou-se pelo salão principal, a grande porta de carvalho fechou atrás dela rangendo. O salão estava em silêncio e brilhante; a luz solar se derramava pelas janelas altas, arqueadas. Suas botas batiam suavemente contra o chão de pedra. Caminhou em direção aos degraus íngremes no fim do corredor, degraus que levaram ao segundo andar e seu quarto. Nos raios inclinados de sol, ela podia ver ciscos de poeira brilhando no ar.

A mansão era enorme e antiga. Dava a sensação de um templo, ou uma tumba. Sua família viveu aqui por gerações. Uma vez, a família tinha sido poderosa e influente, com extensas áreas de terra cultivada cuidadas por servos incontáveis, e a mansão tinha sido cheia de empregados... Mas a fortuna da família encolheu durante as décadas passadas. Ela sabia, por que sua mãe dissera: Quando Shana nasceu, a casa era um fantasma do que foi. Era assustador às vezes, ver tantos quartos vazios, novos... Ainda era sua casa, a única que ela conheceu. Às vezes a aborrecia, pensar que existia tanto do mundo que ela não conhecia, nunca se aventurou do lado de fora deste canto minúsculo da terra vasta de Aris, mas não existia nenhuma lógica em lamentar o que não podia mudar.

Ela mal havia posto o pé nos degraus quando uma voz afiada a parou:

— Shana.

Ela virou devagar.

Lady Olivia estava atrás dela, uma forma alta, magra em um vestido cinza escuro, seu cabelo longo, marrom amarrado atrás em uma trança dolorosamente apertada. Seu rosto pálido como a lua estava inexpressivo e fresco, como sempre. Shana não podia se

lembrar da última vez que viu Mãe sorrir. Entretanto, nestes dias, elas raramente viam uma à outra.

— Sim, Mãe? - Ela disse, mantendo seus olhos abaixados, escondidas em baixo de seus cílios.

— Você saiu por bastante tempo, - ela disse. — Tem gasto muito tempo ao ar livre, ultimamente. Você devia estar estudando idiomas.

Shana suspirou. Ela podia falar e ler os três idiomas importantes de Aris: Ela sabia Tayalese, a língua das cidades orientais grandes, e Laarish, o idioma da costa ocidental... E claro, ela sabia Alanirese, o antigo e venerado idioma das famílias nobres. Além disto, ela era fluente em comum, a língua mais simples falada por todas as pessoas do continente. Ela conhecia todos os seus livros de estudo de capa a capa. Sua mãe ainda insistiu que os revisasse, entretanto era improvável que tivesse muita chance de usar seus conhecimentos. Suspeitava que as lições existissem, principalmente, para mantê-la ocupada.

As mãos inativas são os pais de todo problema, - como sua mãe gostava de dizer.

— Às vezes eu só preciso sair, - Shana disse. — Para a luz do sol e tomar ar.

Lady Olivia se aproximou. Suas sobrancelhas esbeltas franzidas acima de olhos de cinzentos. — Entendo, - ela disse. — Luz do sol e ar.

— Mãe?

— Eu suponho que o calabouço é um bom lugar para isso? - Lady Olivia disse friamente.

Shana sentiu uma ponta de pânico, mas conseguiu manter seu rosto calmo e composto.

— O que quer dizer? - Ela perguntou.

— Você pensa que sou uma idiota? - Ela perguntou. — Eu pedi aos empregados e guardas para me manter informada sobre onde você vai. Eu sei que você nunca se contenta ficar onde está a salvo. Sempre precisa ir espreitando ao redor, onde não é chamada.

Shana respirou fundo, levantando seu queixo, e olhou sua mãe nos olhos.

— Eu estava apenas curiosa, - disse. — Todo mundo estava conversando sobre o demônio, mas ninguém me diria qualquer coisa. Eu não vejo nada errado em querer dar uma olhada rápida.

Soube imediatamente que cometeu um engano ao perceber os olhos arregalados lady Olivia.

— Você viu o demônio? - Ela perguntou.

Shana mordeu sua língua.

— Pelas estrelas, Shana, você tem alguma idéia de quão perigosas são aquelas criaturas?

— Eles o prenderam, - disse, mas sua voz era mais suave agora. Podia sentir suas bochechas ficarem quentes. — Estava acorrentado. Não existia nenhum perigo.

— Claro que existia perigo! Aquelas criaturas têm poderes que nós não podemos entender. Eu não acredito que os guardas deixaram você se aproximar da criatura. - Olivia apertou seus punhos, inalando devagar, para manter suas emoções controladas. Seu rosto estava rubro de raiva.

— Você não voltará lá novamente. Se você o fizer, acredite em mim, eu saberei. E existirá consequências.

— Mas eu não entendo, - disse. — O guarda disse que não podia se soltar, que o metal estrelar o prende.

— Eu rezo para que ele esteja certo. Até agora, eles têm sido bem sucedidos em mantê-los encerrados. Mas... Shana, demônios não são criaturas naturais. - Ela se debruçou mais perto. — Nós sabemos muito pouco sobre eles, mas é dito que alguns deles podem ler mentes, ou entrar em sonhos das pessoas... ou até... Ela hesitou.

— Até o que?

— Existem histórias de possessão. - ela disse. — De demônios habitando o corpo da pessoa, dirigindo suas ações. Existia um homem jovem, eu ouvi que ateou fogo num templo e matou sete pessoas quando um demônio invadiu sua mente. Os sacerdotes tentaram retirar a criatura dele, mas não conseguiram. Ele teve que ser executado.

Shana piscou.

— Seguramente você não pensa que estou possuída, não é?

— Demônios são extremamente inteligentes. Ele poderia ter deslizado em sua mente e se escondido. Ele pode estar esperando pelo momento adequado de ocupar o controle. Eu creio que seria uma boa idéia deixar um dos alquimistas examinarem você. Se a criatura fez qualquer coisa com sua mente, ele saberá.

Shana retesou-se.

— Mas se o demônio tem a habilidade de fazer tal coisa, os guardas não teriam sido afetados até agora?

— Eles estão protegidos por feitiços, e tomam muitas precauções. Eles têm amuletos protetores para manter o demônio fora de suas mentes. Eu imagino que eles não deram um a você, não é?

Shana agitou sua cabeça.

A boca de Olivia apertou.

— Eu achava que não. Seria melhor você se reportar ao Alquimista Sedric de uma vez.

Shana curvou sua cabeça, sentindo-se derrotada e um pouco assustada. Talvez ela tenha sido tola ao visitar o calabouço, afinal.

— Sim, Mãe, - quietamente disse. Ela voltou-se.

— Mais uma coisa, - Olivia disse, e retirou uma caixa pequena, preta, aveludado de seu bolso. — Um mensageiro trouxe isto esta manhã. É para você, de Alan de Fyrden.

O estômago de Shana se contraiu, e sua pele ficou gelada. Alan era seu noivo: tinham estado comprometidos desde a infância; entretanto o encontrou apenas algumas vezes. Ela tomou a caixa e lentamente abriu. Uma corrente de ouro brilhava do lado de dentro. Uma pulseira.

— É... adorável, - disse. Ela ergueu a corrente. Em baixo dela havia uma pequena nota, dobrada. Ela a desdobrou e leu: Para minha noiva, dizia.

— Ele também deixou uma mensagem, - sua mãe disse. — A data do casamento foi fixada. Acontecerá em duas semanas.

— Duas semanas? Arregalou os olhos — Tão cedo?

— Você sabia que seria logo.

— Eu pensei que poderia ter outros poucos meses, pelo menos.

— Não faça beicinho. Alan é um bom homem. E rico. Ele manterá você confortável e cuidará de seus filhos.

Shana olhou fixamente para o chão. Ela lembrava-se de Alan de Fyrden como um homem duro, de rosto redondo pálido, com rugas profundas em sua fronte, e olhos pretos minúsculos em baixo de fechadas e espessas sobrancelhas. Sua barba, ela recordou, era cinza, e sua voz como do estrondo de um dragão cansado e aborrecido. Ele era velho suficiente para ser seu pai, ou seu avô, até.

Shana apertou os dedos na pulseira.

— Eu nem mesmo o conheço, - disse. — E se eu não gostar dele?

— Você aprenderá a gostar, com o tempo, como ele aprenderá a gostar de você. Como foi comigo e seu pai, possa sua alma descansar em paz. A princípio eu o achei um bitolado terrível... bem, ele era sempre um bitolado, mas quando os anos passaram desenvolvi certo carinho por ele.

Shana não respondeu. Seus pais poderiam ter aprendido a tolerar um ao outro, mas não tinha nenhuma ilusão que amaram um ao outro. Certamente nunca existiu qualquer paixão entre eles. Shana achou difícil imaginar como eles conseguiram conceber uma criança. Juntos sempre tinham sido corteses, mas distantes, nunca tocando, raramente sorrindo. Eles dormiam em quartos separados.

Ela sabia, desde a infância, que casar por amor só acontecia em contos de fada, não existia nenhum jovem bonito em um cavalo branco vindo para levá-la para longe. Só tolas e menininhas acreditavam em tais coisas. Tinha vinte anos, agora: era uma mulher crescida. A maioria de mulheres de sua idade já estaria casada, com uma criança ou duas. Ela era sortuda por ter permanecido livre tanto

tempo. Ainda assim, sentiu uma dor profunda e amarga em seu coração, tudo o mesmo. Ela esperou, em um canto pequeno e secreto de sua alma, que poderia encontrar um homem que verdadeiramente emocionasse seu coração, ou pelo menos um, cuja presença ela podia apreciar. Mas soube que nunca aconteceria.

* * * *

Shana estava deitada, remexendo-se agitada na cama. Depois de uma hora mais ou menos, ela suspirou e levantou; seus pés tocando o espesso tapete trançado no chão de pedra de seu quarto. Impaciente, caminhou até a cômoda, pegou uma das escovas de prata e pérolas que sua mãe lhe havia dado como presente aniversário alguns anos atrás, e começou a escovar seus cabelos longos e escuros. Olhou firme para seu reflexo. Pareceu muito pequena, como sua mãe: ela tinha o espesso de seu pai, negros como o corvo e olhos pretos.

Uma brisa fresca balançou as cortinas, e ela estremeceu. Sua camisola fina, branca não era o bastante para evitar a mordida fria do ar.

Seus pensamentos moveram-se de volta para o demônio. Aqueles fixos olhos dourados pareceram ter queimado seu cérebro. Eles pairaram na escuridão atrás de suas pálpebras quando fechou seus próprios olhos, e a memória deles enviou um arrepio em sua coluna. Ela lambeu os lábios e nervosamente dedilhou o cabo de sua escova. Por que ela estava pensando tanto nele?

Suponha que ele realmente invadiu sua mente? Suponha que estava agora, escondido em algum canto escuro de sua alma, olhando por seus olhos, esperando pelo momento ideal de ocupar o controle e a usar para algum propósito indizível?

Mais cedo aquele dia, o Alquimista Sedric a examinou e disse estar livre da influência demoníaca... Entretanto como ele podia determinar aquilo olhando debaixo de sua língua e tomando seu pulso, ela não tinha nenhuma ideia! Ele fez uma bebida de sabor desagradável; bebida fermentada esverdeada que alegou, purgaria qualquer mancha do mal mágico de seu corpo, então a mandou para seu quarto. Sabia que a mãe tinha grande fé em alquimistas, mas não acreditou nem um momento que beber chá feito de olhos de tritão, e rabo de corujas, iria protegê-la da magia de um demônio.

Abraçando-se, caminhou até a janela, olhando para os campos e bosques circundando a grande mansão de pedra: A mansão que pertenceu a seu pai. Lady Olivia veio para cá como sua noiva quando era uma jovem mulher, mais jovem do que Shana. Como ela se

sentiu? O mesmo medo e sensação de nostalgia que Shana já estava sentindo?

Os olhos de Shana vagaram até o limite do bosque. Nas sombras das árvores havia uma casa de pedra com um telhado plano e uma única, e robusta porta de carvalho. O calabouço. Até a captura do demônio, sua mãe nunca teve a oportunidade para usá-lo. Era uma relíquia de uma idade mais escura, mais cruel, quando proprietários de terras podiam ter seus escravos lançados em uma cela escura e torturá-los por uma infração pequena.

Tremeu e esfregou os braços. O calabouço sempre a assustou. No entanto, teve o desejo inexplicável para correr para lá. Ela desejou vê-lo - o demônio - novamente.

Ele está preso, como eu, ela pensou.

Caminhou por alguns minutos, então parou, olhando a janela, seus punhos apertados.

Tinha que fazer algo. Um demônio ele poderia ser, mesmo assim, aquela criatura não fez nada para merecer o destino terrível. Os caçadores de sua mãe simplesmente o acharam na floresta e o atacaram sem provocação. A injustiça daquilo a aborreceu, e soube, em seu coração, que não podia deixá-lo sofrer e morrer.

Olhou na janela. Ainda estava escuro. Estrelas brilhantes contra a imensidão, como fogueiras de acampamento distantes em uma paisagem escura.

Vestiu-se rapidamente, em silêncio, deslizando em uma camisa folgada, uma calça comprida e um par de botas confortáveis de viajem. Sabia que sua mãe nunca aprovaria estar usando tais roupas masculinas, por isso as manteve escondidas na parte inferior de sua arca de pinho; mas eram ideais para se movimentar em silêncio. Não havia nenhuma saia arrastando para fazer barulho ou tropeçar.

Shana pegou uma vela acesa em sua mesa de cabeceira. Então, pensando melhor, apagou-a. Alguém poderia localizar a luz. Teria que seguir através da escuridão.

Deixou seu quarto, fechando a porta, e se esgueirou corredor abaixo, prendendo a respiração. O luar brilhava pelas janelas estreitas, caindo em barras de prata no chão. A mansão estava tão silenciosa quanto uma tumba, mas sabia que os guardas às vezes patrulharam os corredores à noite. Teria um momento difícil explicando por que estava se movendo furtivamente a esta hora, em roupas masculinas, sem uma vela para guiar seu caminho. Tinha que estar alerta!

Ela desceu as escadas atapetadas, para o salão principal. Ir pelas portas da frente era inconcebível, claro. Elas eram enormes e pesadas e mantidas trancadas à noite. Mas existia uma janela na cozinha que estava sempre entreaberta para admitir o ar da noite fresca. A janela

era extremamente estreita para um homem crescido deslizar por ela, mas Shana sempre a usou para escapar sorrateiramente quando era criança. Podia só esperar que ela ainda ajustasse.

Andou nas pontas dos pés na cozinha escura. O luar refletido nos potes, panelas e facas penduradas nas paredes. Max, o cão de guarda velho, estava dormindo em baixo da janela aberta. Quando se aproximou, levantou a cabeça e ensaiou um latido baixo, áspero.

— Shhh, Shana disse, e colocou um dedo em seus lábios. Max balançou sua cabeça para um lado, então se levantou. Abanando a cauda, martelando a parede. Shana sorriu e acariciou suas orelhas esfarrapadas. Seu rosto largo, cicatrizado separado em um sorriso canino, mostrando dentes brancos e uma língua rosa.

— Bom menino, - Shana sussurrou, e escalou o peitoril, abrindo caminho, primeiro, as pernas. Estava apertado, mas ela conseguiu.

Com um baque, ela aterrissou num grupo de arbustos e se levantou, sacudindo pedaços de folhas e ramos de sua camisa. O gramado ao redor estava prateado com o luar, mas o calabouço era uma sombra escura, fria e sem atrativos. Respirando fundo, ela caminhou em direção a ele.

* * * *

O guarda sentado no chão do corredor empurrava guisado e pão na boca. Não era o chefe da guarda, mas um de seus subalternos, cujo nome Ashrin não podia lembrar e não se importou. Só outro ser humano.

Ashrin estava em sua cela, enrolado com o nariz tocando a ponta de sua cauda. Ele tentava não olhar para o guarda - não quis dar-lhe a satisfação de saber que estava faminto - mas não podia parar de contrair suas narinas ao sentir o cheiro de carne.

O guarda riu, mergulhou um pedaço de pão no guisado, e estendeu-o para ele.

— Aqui, quer um pedaço, cãozinho? - Ele perguntou, sorrindo.

Ashrin não se moveu. Ele sabia que o guarda o estava provocando. Todos receberam ordens rígidas de não alimentá-lo. A carne drogada, que ele ainda não havia tocado, estava coberta por moscas no canto de sua cela. Metade delas estava morta ou tendo espasmos fracos em torno da carne repugnante, mas ele estava tão faminto que até estava começando a parecer apetitosa.

O guarda sacudiu o pedaço de pão coberto de guisado.

— Aqui, cãozinho-cãozinho. Você não está com fome?

Idiota, Ashrin pensou. Ele rolou para o lado, virando suas costas para o guarda, e olhando fixamente para a parede.

Um som estridente, alto, o fez vacilar. Ele olhou para cima. O guarda estava de pé fora da cela, segurando uma espada curta na mão.

— Ah, assim você gosta de me ignorar, não é? - Ele perguntou, e bateu a lâmina contra as grades novamente. Ashrin levantou suas orelhas para trás e começou a rosnar. — Está certo. Você quer me atacar, animal estúpido? Vá em frente. Os outros podem estar com medo de você, mas para mim, é apenas um cão grande e sarnento. - Ele sorriu. — Eu matei mais lobos do que imagina. Talvez alguns fossem lobos mesmo, demônio. Quem sabe? Vocês são todos iguais para mim. Ele se debruçou contra as grades. — Uma vez, eu achei uma ninhada de filhotes de cachorros. E você sabe o que eu fiz? Bati em cada um de seus miseráveis e pequenos crânios; um por um.

O rosnado de Ashrin aumentou, construído em sua garganta.

— Então eu esperei a mamãe voltar para casa, - disse o guarda. — Eu a deixei dar uma boa olhar no que fiz para os filhotes, então atirei uma seta por sua garganta. Fiz dos filhotes de cachorros, luvas, e sua mamãe um tapete.

Ashrin atacou. As correntes estalaram tensas, e seus dentes se fecharam a um pé das grades grossas. O guarda retesou-se por um momento... então riu, relaxando quando notou que Ashrin não podia ir mais adiante.

— Você pode ser grande, mas não é muito brilhante, é?

Um grunhido baixo borbulhou da garganta de Ashrin à medida que ele ficou em pé, pele eriçando, dentes trancados. Ele atacou novamente... E sentiu as correntes estalarem. Ele assistiu o sorriso tolo desmanchar do rosto do guarda, e ser substituído por um olhar de amplo terror. O homem gritou, pulando para trás. A espada caiu ao chão com um barulho metálico. O cheiro de medo encheu o nariz de Ashrin. Ele empurrou seu focinho entre as grades, mordendo e rosnando para o guarda que caiu com um baque súbito para trás com seu rosto branco como um lençol. Agarrando sua espada, ele tropeçou em seus pés e correu.

Ashrin olhou fixamente sua saída, seu grunhido morrendo na garganta. Começou a andar pela cela. Quebrou as correntes, mas estava ainda muito fraco para forçar sua passagem pelas grades.

Caiu no chão e fechou seus olhos. Suas orelhas se contraíram quando sentiu um chamejar de... algo. Seus olhos se abriram, e suas orelhas erguidas, giraram para frente. Era a menina. Sentiu sua presença na extremidade de sua mente. Ela estava perto.

* * * *

Shana se aproximou do portão do calabouço, coração batendo. Percebeu que não tinha nenhum plano definido de como entrar. Hesitou, pensando, então bateu duas vezes.

Um longo tempo passou; então o rosto sonolento de Brun apareceu.

— Com licença senhor, - ela disse.

— Senhorita Shana? - Ele murmurou, esfregando a ponta de seu nariz. — O que no mundo, está fazendo fora da cama a esta hora da noite?

— Eu... sinto muito incomodá-lo, mas deixei algo muito importante aqui. Acho que deve ter caído no chão. É um anel que meu pai me deu antes de falecer, - disse. Estava espantada como facilmente a mentira originou-se de sua boca.

Brun franziu a testa.

— Não podia ter esperado para amanhã de manhã?

— Me desculpe, eu simplesmente não consigo parar de pensar nisso, - disse. — Não conseguirei dormir hoje à noite se não encontrá-lo. É muito importante mim. Mas acho que sei onde poderia ter caído, e se você me deixar, irei encontrá-lo e não o aborrecerei mais.

Ele balançou a cabeça lentamente, como um touro sonolento tentando desalojar uma mosca.

— Só me diga como parece e eu acharei para você. Sua mãe disse que você não deve se aproximar...

— Oh, eu não pensaria em pedir-lhe para encontrá-lo, - disse, passando por ele. — Eu já incomodei o suficiente. Só ficarei um minuto ou dois. - Ela sorriu para ele, então começou a descer os degraus íngremes, seu pulso em sua garganta.

— Senhorita, espere! - Brun chamou.

— Eu já volto! - Ela disse.

Ela esperava que ele a seguisse, mas ele não o fez. Seu coração trovejava enquanto descia lentamente os degraus, tateando o caminho na escuridão, até que chegou ao salão de pedra abaixo, iluminado por tochas e cercado por celas trancadas. A maior parte delas, vazias. Não foi difícil localizar a que não estava. Ela se aproximou, segurando a respiração, e observou atentamente.

O grande lobo preto estava no chão. Ele estava olhando para ela com aqueles olhos dourados, claros. Ela caiu de joelhos, ficando nivelada a ele.

— Eu quero ajudar você, - ela sussurrou, - mas não sei como. Diga-me como posso ajudá-lo.

Então sua voz estava nela, de repente, profunda e aveludada, suave: *Empreste-me sua força.*

Ela piscou.

— O que?

Ele olhou fixamente em seus olhos, sua voz ressoando novamente por sua mente: *Eu preciso absorver um pouco de sua energia.*

— Mas como...

Não há tempo. Apenas relaxe.

Ela respirou profundamente e fechou os olhos. Sua respiração presa na garganta quando sentiu algo empurrando sua mente. Um arrepio percorreu seu corpo; como uma corrente sinuosa de energia escura abrindo passagem para sua alma. Ela sentiu o enfraquecimento dos músculos, sentiu uma fadiga pesada caindo sobre ela. Ao mesmo tempo, o lobo levantou-se a seus pés. Ele pareceu maior e mais escuro que nunca, seus olhos brilhantes de um amarelo ardente. As grades de sua cela brilharam repentinamente, uma luz ofuscante. Uma fina vibração encheu o ar e então as grades quebraram. Shana abaixou a cabeça, protegendo seu rosto como braço. Ela esperou a explosão de fragmentos de metal para fatiar sua pele em tiras, mas quando abaixou o braço, viu que os fragmentos não vieram para perto dela. Eles espalharam pelo chão, cobrindo a pedra como neve de prata, mas havia um círculo de pedra intacta ao redor dela, como se uma parede invisível surgisse ao seu redor no momento em que as grades quebraram.

Ashrin saiu de sua cela. Suas patas, quase tão grandes quanto às de um leão, tocaram a pedra de fora do salão. Sua boca aberta em um selvagem sorriso, mostrando curvas presas brancas.

Shana recuou horrorizada; olhos arregalados. Tentou permanecer em pé, mas suas pernas estremeceram e desabou. Seu corpo ainda estava fraco. Era um esforço apenas respirar.

O que ela fez?

Ashrin a fitou fixamente. Ela tremeu debaixo de seu olhar. Aqueles olhos pareceram queimar nela, vendo partes suas que ninguém deveria ver.

Ashrin de repente levantou sua cabeça quando o trovão de passos dos guardas ecoava no salão. Rosnou, a pele eriçada junto à espinha, e girou para enfrentá-los. Três guardas entraram no salão e pararam. A cor drenada de seus rostos. Dois deles giraram e correram. Um terceiro ficou congelado no lugar, trêmulo como uma lebre assustada quando Ashrin avançou com as mandíbulas gotejando. Ele abaixou e pulou, jogando o guarda no chão. Os lábios escuros mostrando as presas longas, afiadas.

— Não! - Shana chorou. — Não o machuque!

Ashrin olhou acima, encontrando seus olhos. Então lentamente, ele soltou o guarda, que ficou de pé e correu, arquejando andrajosamente em terror.

Ashrin virou-se, ainda olhando fixamente para ela. Sua enorme, presença escura, pareceu encher o salão. Então de repente, era um

homem de pé lá no lugar do lobo, nu, mas não menos impressionante por isto. Era um homem como nenhum que ela já tinha visto, alto e magro; feixes de músculos destacando-se debaixo da pele de bronzeada.

Shana tentou novamente levantar, mas ela não podia encontrar forças. O que quer que ele tenha feito a deixara tão fraca quanto um recém-nascido. Sentou com suas costas contra a parede, olhando fixamente para ele com olhos arregalados à medida que se aproximava. Ele se abaixou e a ergueu facilmente. Seus olhos dourados foram a última coisa que viu antes da escuridão se abater sobre ela.

* * * *

Shana despertou devagar com o canto dos pássaros e o suave suspiro do vento através das folhas. Ela sentiu o toque morno do sol em sua bochecha. Seus cílios abriram e ela olhou ao redor, sobrancelha enrugada com confusão. Por que ela não estava em seu quarto?

Ela se sentou... e engasgou.

Um homem nu se sentou em frente a ela, olhando-as com olhos dourado claro. Seu cabelo escuro era longo e emaranhado, fazendo que parecesse com um selvagem do bosque, mas não tinha qualquer traço de barba. Uma cicatriz longa, diagonal branca atravessava seu tórax largo. Sua aparência era humana, mas não houve nenhuma dúvida: aqueles olhos eram do demônio.

Um temor de medo a agitou. Ela tentou se levantar, mas suas pernas não a sustentaram. Ela afundou, tremendo, de volta ao chão.

Ele levantou.

— Fique quieta, - disse uma voz profunda, macia. — Você está fraca ainda. Ele se aproximou e abaixou ao lado dela. Ele arrancou uma folha grande, em forma de copo de uma planta perto e murmurou algumas palavras em voz baixa. A folha ficou cheia de água. Ele segurou perto dos lábios de Shana, mas ela não se moveu.

— Beba, - ele disse.

Ela hesitou. Sua garganta doída com sede, mas não estava certa de querer beber algo criado com magia de demônio. Ela não tinha escolha, porém. Ele deslizou uma mão sob seu pescoço, seus dedos mornos e firmes contra sua nuca, e segurou sua cabeça no lugar enquanto a água corria entre seus lábios entreabertos.

Ela se afastou e cuspiu isto. Seu coração batendo forte.

— Eu não estou tentando envenená-la, - ele disse. — Você ficou inconsciente por horas. Se eu quisesse te machucar você, já teria feito.

Ela ficou em silêncio, olhando para ele hesitante. Ele tinha razão.

Novamente, ele encheu o copo de folhas e levou-a a seus lábios. Desta vez, ela bebeu. Saboreou a mais doce água que já bebera, e escorregou por sua garganta como seda fresca.

— Melhor, - ele disse, movimentando a cabeça ligeiramente.

Shana se sentou lentamente. Ele a sustentou com uma mão em suas costas.

— Onde eu estou? - Ela perguntou.

— Um lugar seguro, - disse. — Este lugar é protegido por uma magia poderosa. Nós não podemos ser encontrados aqui, por homens ou animais selvagens. - Ele examinou seus olhos. — Você fez uma coisa muito ousada, ajudando-me, - disse. — Eu lhe devo minha liberdade.

— Eu fiz o que eu tinha de fazer, - disse, um rubor subiu em suas bochechas. A maneira como ele a olhou fazia sentir-se estranha. —Estava errado, o que eles estavam fazendo.

— Não são muitos os humanos que teriam ajudado um demônio.

— Eu imagino que é verdade, - ela disse.

— Você parece bastante nervosa. Talvez esteja se perguntando, agora, se cometeu um engano em me libertar?

— Eu não sei, - ela admitiu. — Você não é... não é mal, é?

Ele riu um som profundo, e estrondoso.

— Eu imagino que dependeria do que você entende por 'mau'. Eu sou letal para aqueles que pretendem me encarcerar, mas eu não prejudicaria um inocente. – Estendeu a mão, colocando uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. — Corromper um inocente, talvez. Mas não prejudicar.

Ela olhou para longe, tentando ignorar o convidativo sorriso em seu rosto, tentando não pensar sobre o que queria dizer. Esse era um caminho perigoso.

— Eu tenho que voltar agora, - ela disse. — Minha mãe vai ficar preocupada se eu não retornar logo. - E, ela pensou, havia o casamento. Dentro de duas semanas, ela se tornaria esposa de Alan. Se ela não retornasse antes disso, as conseqüências seriam desastrosas. Sua mãe estaria furiosa.

Quando o demônio não se moveu ou respondeu, ela o encarou e disse,

— Pelo menos me diga onde estamos assim eu posso achar meu caminho.

— Eu tenho medo que você nunca poderia achar seu próprio caminho para casa. Nós estamos muito longe, e, eu me atrevo a dizer, você não está acostumada a viajar.

— Então me leve, - ela disse... depois acrescentou depressa, - para casa, eu quero dizer. Mostre-me o caminho.

— Você deseja voltar para aquele lugar? - Ele perguntou.

— Claro. É minha casa. Por que eu não deveria querer voltar?

— Você é infeliz lá.

Ela recuou ligeiramente, os olhos arregalados.

— Como você sabe?

— Eu sinto isto em sua mente, - ele disse.

— Você pode ler minha mente?

— Claro.

Suas bochechas esvaziadas.

— Bem, não faça!

— Por quê?

Ela apertou seus punhos. Ela provavelmente estava louca, discutindo com um ser como este.

— Eu não dei permissão, - ela disse, - e isso é uma invasão.

— É difícil não ouvir seus pensamentos, - disse, soando ligeiramente divertido. — As mentes humanas são muito barulhentas.

— Bem... pelo menos tente para não escutar. - Ela cruzou seus braços sobre o peito, embora na verdade estivesse mais assustada que indignada. Seu coração batia forte. Ela estava só na floresta com um demônio, uma criatura de poderes inimagináveis, uma criatura cujos olhos podiam desnudá-la de todos os seus segredos com um olhar. Ela perguntou-se o que mais ele poderia fazer. — Leve-me para casa, - ela disse novamente.

— Eu não entendo, - ele disse. — Por que você devia desejar voltar para um lugar onde é infeliz? Você sempre sonhou em partir, não é?

— Não é tão simples, - ela disse.

Agachou, os braços cruzados descansando em seus joelhos, olhando para ela atentamente.

— Então explique, se quiser, - ele disse. — Eu estou curioso.

— Para onde mais eu iria? Eu não teria a menor ideia. Eu nunca vivi em qualquer outro lugar, apenas em minha casa.

O demônio chegou mais perto.

— Você podia ficar comigo, - disse sua voz profunda e suave, seus lábios se movendo perto de seu ouvido.

Sua respiração pega em sua garganta.

— Com certeza! Eu... Eu mal o conheço!

Seus lábios acariciaram seu pescoço, e um pequeno gemido de surpresa escapou de seus lábios.

— Então talvez devêssemos conhecer um ao outro, - ele disse.

Ela tremeu com tom caloroso, rouco de sua voz, de modo muito atraente. O que estava errado com ela? Este homem não era nem humano. Por que estava respondendo a ele dessa forma?

— Não, - ela disse, tentando empurrar seus ombros e o afastar. O calor de sua pele contra as palmas das mãos era surpreendentemente agradável, mas ela tentou não se entregar a sensação.

— Eu não posso, - disse. — Eu estou noiva. Se não for pura em minha noite de núpcias, ele ficará bravo.

Ashrin franziu o cenho.

— Quem é este homem?

— Não importa quem é, - disse uma sugestão de amargura insinuando-se em sua voz. Ela deixou cair os braços e olhou para longe. — Minha mãe já decidiu que o melhor é me casar com ele.

Sua carranca afundada.

— Melhor para quem? Você, ou sua mãe?

— Para a família. Seria uma vergonha para a família se eu não casasse. E é importante que meu marido possa sustentar meus filhos. Eu posso não amar Alan, mas...

— Mas ele é rico.

— Não é assim! Eu não me importo com riqueza. Mas se eu fosse casar abaixo de minha condição, arruinaria o nome da família, e minha mãe ficará devastada. É algo que tenho de fazer. É uma obrigação. Não tem nada a ver com minha vontade. - Shana apertou as mãos em punho. Ela sentiu lágrimas nos cantos de seus olhos, e perguntou-se por que. — Eu não sei por que estou dizendo tudo isso, tentando me justificar para você. Não tem nada a ver comigo. Eu apenas o libertei. Isso não deveria ser suficiente? O que mais você quer de mim?

— É porque me libertou que desejo ajudar você. Não quero ver você se render a uma vida de miséria.

— Eu já disse, não é minha escolha.

Ele agitou sua cabeça.

— Tola, - ele murmurou.

Ela retesou-se.

— O que lhe dá o direito de me julgar? Você nem me conhece.

— É tolo, - ele disse com firmeza - sua mãe ocupar sua cabeça com esta tolice desde que era uma criança. Caso contrário, você nunca aceitaria tais absurdos. Por que deveria se importar com o nome da família, ou com o que sua mãe pensa? E quanto a seus filhos? Como você imagina que seus filhos se sentirão, ao saber que sua mãe e seu pai estão juntos apenas por obrigação? Você realmente pensa que isso é o melhor para eles?

Ela foi pega desprevenida.

— É como coisas sempre tem sido.

— Humanos prendem-se com tantas correntes, - ele disse, - e nunca parecem compreender quão fácil seria livrar-se delas.

Shana exalou uma respiração por seus dentes.

— Você é muito arrogante, fazendo todas essas suposições, - disse. — Só não é tão simples. – Mas sentia que suas palavras tinham um crivo de verdade. Ela teve pensamentos semelhantes, não é? Ela se perguntou se havia outro caminho a seguir, ainda que sempre alegasse que tais perguntas eram infantis. Ela sempre assumira que era seu destino levar adiante as tradições da família.

— Isto é tudo tão estranho, - ela murmurou. — Eu ainda estou tentando me acostumar à ideia de conversar com um demônio... Nenhuma ofensa, - acrescentou rapidamente. — É que justo agora, a noção de sair de casa para sempre é muito opressiva.

— Talvez eu possa lhe dar uma boa razão para ficar. - Seus lábios acariciaram sua orelha, indo até seu pescoço.

O coração de Shana acelerou e ela sentiu sua pele ficar quente.

— Você... colocou um feitiço em mim? - Ela sussurrar sem fôlego.

Ele riu.

— Claro que não. Por que eu precisaria fazer tal coisa? Seu dedo acariciando ligeiramente sua bochecha.

Ela de repente era muito ciente do quão apertada era sua camisa. Seus seios delineados contra o tecido. Ela quis desfazer os laços, deixá-la se abrir e sentir o ar de fresco da floresta esfriar sua pele.

Ele agarrou seus ombros suavemente, forçando-a a encará-lo. Estava sentando muito perto dela. Ela podia sentir o calor que subia de sua pele nua. Seus olhos ardendo nos dela.

— Você é bonita, - disse suavemente. — E você é notável também. Você tem um dom quase perdido entre os seres humanos.

— Dom? O que quer dizer?

— Existe magia dentro de você. Por isso eu pude me conectar e absorver sua energia.

Ela agitou a cabeça.

— Você está enganado. Eu não tenho magia.

— Você nunca soube disso. Com o tempo irá aceitar e entender seu dom, - ele disse. — Eu tenho certeza. Mas no momento, não há necessidade de se preocupar com isso. - Ele correu o dedo polegar levemente sobre seus lábios. — Você merece uma recompensa por me libertar, - ele disse, um sorriso leve em sua boca firme. — Eu lhe darei prazer, se você permitir. Eu mostrarei os segredos de seu corpo.

— Eu disse a você, devo chegar virgem em minha noite de núpcias, - mas o protesto surgiu sem entusiasmo.

— Eu não disse que tomaria sua virgindade. Existem muitas coisas que eu posso fazer e não tirarei sua virgindade. - Ele a empurrou para a grama suave. — Relaxe.

Ela fechou seus olhos, tremendo.

— Eu não devia estar permitindo isto, - ela sussurrou.

Mas ela queria e não podia negar.

Ela abriu os olhos e viu seus dedos fortes, bronzeados habilmente desfazendo os laços de sua camisa que se abriu, livrando seus seios.

Tudo o que lhe fora ensinado, dizia que ela devia tê-lo impedido. Em vez disso, ficou quieta, a respiração presa na garganta, com as pontas dos dedos encostadas, muito levemente acima da curva pálida de um peito. Sua pele estava quente.

Uma mão grande cobriu seu seio, que se ajustou perfeitamente a sua palma. Sua pele pareceu mais escura contra a dela, que era suave, láctea, branca de uma vida gasta principalmente em lugar fechado. Ela observou-o apertar seu seio de leve. Um suspiro escapou de seus lábios entreabertos. Nenhum homem a tocara deste modo, muito menos um estranho.

Seus braços a rodearam, puxando-a mais perto, até o comprimento de seu corpo pressionar o seu. Ela sentiu todo ele, duro, morno e tão vivo. Sentiu o movimento de seu peito largo quando ele respirou, e sua própria respiração acelerar em resposta.

— Eu nem sei seu nome, - ela sussurrou.

— Ashrin, - Ele pronunciou estranhamente, com um acento que ela nunca ouvira antes. De alguma maneira, aquelas duas sílabas tocaram um poder antigo. Elas pareceram segurar o peso de séculos.

— O meu é...

— Eu sei, - ele disse, sorrindo. — Shana. Um nome bonito.

Ela examinou seus olhos.

— De alguma maneira, eu sinto que você me entende, - ela sussurrou - mais do que ninguém jamais o fez. Como isto é possível? Nós mal nos falamos.

— Meu povo não precisa falar para se entender. Nós sabemos sem palavras. Nós vemos em baixo da superfície. Eu vejo sua fome. Não negue a si mesma.

— E o que eu anseio? - Ela suavemente perguntou.

— Liberdade. Paixão. Uma vida sem o peso, sufocante de outras expectativas.

— E você pensa que pode me dar isto?

— Eu sei que posso. Sua mão deslizou até acariciar a curva de seu traseiro, e então suavemente apertar. Ele a tocou com muito conhecimento, como se já estivesse bem familiarizado com seu corpo e suas necessidades. Ergueu as mãos para tocar seus ombros, então arrastou-as para suas costas, e sentiu as cicatrizes que cruzavam e marcavam sua pele. Ela perguntou-se de onde aquelas cicatrizes vieram. Não dos caçadores que o capturaram. Estas cicatrizes eram muito velhas para ser uma parte permanente dele. Eles não enfraqueceriam com tempo. O que podia deixar tais cicatrizes em um ser tão poderoso?

— Não importa, - respondeu à pergunta não formulada, e seus lábios tinham um sorriso amargo. — A pessoa que fez essas cicatrizes está morta há muito tempo.

— Pedi-lhe para não ler minha mente, - murmurou, mas não conseguiu soar indignada. Não quando sua pele estava formigando com vida e calor.

— Eu não preciso, posso dizer o que está pensando só olhando para seu rosto. - Sua boca tocou o lugar onde seu pescoço juntou-se ao ombro, e ela sentiu seu cabelo longo acariciando seus seios à medida que suas mãos firmes moviam-se lentamente por sua pele, acima da curva de seus quadris. Ele desfez os laços de sua calça comprida, então a empurrou, expondo seu sexo. Ela estremeceu ao sentir o ar frio em sua pele sensível.

Ela sentiu o arrastar da palma em sua barriga plana, sentiu ir mais abaixo... até que um dedo localizou a fenda úmida entre suas coxas suaves, pálidas. Ela soprou em um suave e estremecido ofegar. Agarrou seus ombros para se sustentar quando seus dedos apertaram mais firmemente suas dobras molhadas. Uma onda de vertigem doce avançou sobre ela. Olhando para baixo, viu seu dedo polegar acima do broto minúsculo, rosa de carne que sobressaía entre os escuros lábios cacheados. Ele tomou o broto delicado entre o polegar e o indicador e esfregou cuidadosamente, até que formigou com um quase insuportável prazer agudo. Ela suavemente arquejou sua bochecha descansando ligeiramente contra seu peito, onde ela podia sentir as batidas do coração trovejante. Ela olhou entre suas pernas e viu sua seta dura e erguida, as veias distinguindo-se em relevo agudo. A visão enviou um tremor por seu corpo inteiro.

Suas mãos agarraram-lhe as coxas, mantendo-as abertas, expondo-a para seus olhos. Ele inclinou-se, e ela sentiu sua respiração morna agitando os cachos felpudos abaixo de sua barriga. Seus dedos polegares separaram os lábios exteriores suaves de seu sexo. Olhou para ela, e ela sentiu o toque de seu olhar quando vagueou sobre sua pele sensível e exposta. Sua palma cobriu seu montículo dolorido, segurou-o possessivamente, então começou a massageá-lo. Seus olhos presos nos seus.

Ela tremeu sob seu toque, gemendo, enquanto ele continuou a mover sua mão contra suas dobras molhadas, lisas. Nunca tinha imaginado que tal prazer era possível. Ela ofegou, empurrando contra sua mão, precisando mais. — Por favor, - ela ofegou, ainda que não soubesse o que estava pedindo. — Por favor...

Sua palma pressionou mais forte. Uma ponta do dedo provocou a abertura para seu sexo, sem penetrá-lo, enquanto sua mão esfregou deliciosamente contra aquele aveludado e pequeno botão, próximo ao topo de sua fenda. Sua respiração acelerou, até que afinal, ela deixou

escapar um agudo e ofegante grito. Suas coxas estremeceram e as apertou juntas quando uma onda de prazer intenso precipitou-se sobre ela. Então ficou lânguida, arquejando suavemente, sua pele úmida com suor.

Ele se sentou, sorrindo com conhecimento de causa, para ela.

— Eu prometi que lhe daria prazer, não foi? - Ele perguntou.

A princípio, Shana não podia falar. Sua mente estava girando.

— Isso foi... - Ela parou. Não podia encontrar as palavras.

Ele beijou sua boca suavemente.

Ela piscou, surpreendida... Então olhou.

— Mas agora que eu sei como pode ser... como bem se pode sentir... Suportar um homem como Alan será muito mais difícil. Eu não posso imaginar que ele tenha muita consideração por meu prazer. Shana virou-se lado, encostando os joelhos no peito, como uma criança. — Eu sempre pensarei sobre como poderia ser.

— Então fique. Ele afastou o cabelo suavemente de seu rosto.

Ela olhou para ele.

— Por que você insiste para que eu fique?

Ele fez uma pausa como se, ela pensou, perguntasse quanto devia dizer a ela.

Shana se sentou em cima.

— Eu não irei ficar a não ser que eu saiba suas razões. Como eu posso confiar você, de outra forma?

— Muito bem. -Ele olhou para o espaço. — Existem muito poucos de minha espécie. Muito poucos. E nossos números continuam a diminuir. É muito difícil para nós achar companheiros. Porém... é possível nos acasalarmos com humanos, e até procriar com humanos. Mas nem todos os humanos: apenas com aqueles que têm uma faísca do dom. Como você, Shana.

Shana pulou para trás como se tivesse sido esbofeteada.

— Então é isso? Você quer me usar como... como criação de gado?

— Não, eu desejo você como minha companheira. Existe uma diferença.

Shana respirou fundo. Seu coração disparou. Ela realmente estava considerando a possibilidade? Ela enlouquecera?

— Passou muito tempo desde que eu dormi ao lado de uma mulher. Minha última companheira morreu muito tempo atrás. Ela... - Ele hesitou, encarando-a. — Ela foi morta por um caçador, junto com minha filha e filho jovens. Ela estava ainda fraca e vulnerável por dar à luz, ou nunca teria caído pela mão de um mero humano, não importa quão hábil ele era. Eu matei o homem que fez isto. Eu o fiz sofrer por cada vida inocente que levou... Mas foi um conforto pequeno, frio.

— Sinto muito, - Shana disse suavemente. Ela tocou sua bochecha.

— Foi há muito tempo atrás. Séculos.

— Mas você os amou muito. Ainda os ama. Eu posso dizer.

— Sim. - Ele encontrou seus olhos. — Mas aceitei que não posso trazê-los de volta. Por causa de meu povo e nossa existência neste mundo, e por minha própria causa, eu não tenho condições de me espojar no pesar e nas memórias para sempre.

— Você quer que eu seja sua companheira, - falou.

— Minha companheira de vida.

— É como um casamento, não é?

— Se você fosse colocar em termos humanos, sim. Mas em alguns aspectos, é ainda mais vinculativo.

— Eu mal conheço você. Como posso tomar uma decisão como esta?

— Você está esquecendo que nós fomos conectados muito intimamente quando me deu um pouco de sua essência de vida. Você me deixou tocar sua alma. E tocou minha alma, também. Existe um laço entre nós. Você duvida? Olhe. - Ele tocou em sua bochecha ligeiramente, examinando seus olhos. Sua respiração presa em sua garganta quando ela olhou fixamente de volta. Sentiu-se afogar no ouro de seus olhos. Um turbilhão de imagens girou por sua mente, imagens de correr pela floresta sob a lua cheia, de caçar ao lado de uma bonita loba branca, de assistir as estruturas pequenas e frágeis das civilizações humanas nascerem e morrerem. Ela sentiu o peso dos anos atrás daqueles olhos. Ele era velho, tão velho quanto às florestas. Ele parecia um homem, mas era muito mais que isto.

Shana fechou seus olhos, subjugada. As imagens evaporadas de sua mente, mas a sensação dele permanecia, como uma impressão em sua alma.

— Eu... Eu vi suas memórias.

— Sim, como eu vi as suas. Mesmo antes disto, eu já sabia que a queria para mim, mas isso me deu a certeza. Eu desejo reivindicar você como minha companheira.

Seus olhos nunca a deixaram. Ela se sentiu nua ante aquele dourado olhar. Um calafrio a percorreu, mas ergueu o queixo, endireitou as costas e encontrou seus olhos.

— Como isto será diferente de pertencer a Alan? Você diz que me oferece a liberdade, mas se eu aceitar sua proposta, eu pertencerei a você, não é?

— Ah, mas eu pertencerei a você também.

— Eu tenho dificuldade em imaginar você pertencendo a alguém.

Ele sorriu.

— Eu não pertencerei a qualquer homem ou mulher contra minha vontade, mas de boa vontade me daria para minha companheira. Eu sei que não é uma decisão fácil para ser tomada. Você não precisa decidir agora. - Ele levantou. — Espere aqui. Trarei algo para comer.

— Eu estou com fome...

Ashrin virou e seu corpo fluiu em forma de lobo. Shana abriu a boca. A transformação foi súbita e macia. Num momento um homem estava na frente dela, no outro, um animal enorme, preto macio e lustroso, olhos de ouro amarelo brilhando com inteligência. Sua boca aberta, mostrando dentes brancos em um sorriso, então ele correu para a floresta.

* * * *

Quando Ashrin retornou, trazia um galho em sua boca. Três maçãs de ouro brilhante, avermelhadas oscilavam no galho. Ele se sentou em suas coxas, deitou o galho em frente a ela e transformou-se novamente, na forma que um homem que abaixou diante dela.

— Hoje à noite eu caçarei, mas isto deve bastar por enquanto.

— Obrigado. Ela arrancou uma maçã do galho e mordeu. O suco fluiu em sua boca, doce e azedo.

Ele observou enquanto comia seus olhos alertas.

Shana terminou a maçã, arrancou outra, e olhou para cima.

— Você me dará uma semana para decidir? - Ela perguntou.

— Pode levar o tempo que quiser. Enquanto isso pode ficar comigo ou retornar para casa, o que você desejar. Atrevo-me a dizer que achará mais agradável permanecer comigo. - Ele sorriu, mostrando um ligeiro brilho nos dentes. — Posso mostrar mais das delícias que a aguardam se você se tornar minha companheira. O que lhe dei foi apenas uma pequena amostra. Eu posso apresentar você a um mundo de prazeres além de qualquer coisa que possa imaginar.

— Bem, você não tem falsa modéstia, eu lhe digo. - Ela olhou fixamente para a maçã em sua mão. — Certo, eu ficarei aqui uma semana. Apenas... Existe um modo de enviar uma mensagem para minha mãe? Só para deixá-la saber que estou bem?

Seus olhos ficaram duros.

— Não iria matá-la se preocupar um pouco.

— Ashrin...

Ele suspirou.

— Muito bem. Estendeu o braço e deu um assobio baixo. Um momento depois, um corvo enorme, negro flutuava para baixo das copas de árvores e pousou em seu braço. Por um momento, pássaro e homem olharam fixamente um para o outro, e uma mensagem muda

pareceu fluir entre eles. Então o corvo lançou-se no ar novamente e voou para longe. — Ele levará a mensagem para Lady Olivia.

— Um corvo? Mas como?

— Ele não é um pássaro comum, mas um amigo meu.

— Você quer dizer um corvo demônio?

Ele riu.

— Pode-se dizer que sim. - Ashrin levantou. — E agora se você terminou de comer, eu tenho coisas para lhe mostrar. - Ele agarrou sua mão e a puxou para cima.

— Que tipo de coisas? - Ela perguntou.

Seus lábios acariciaram sua bochecha.

— Bem, isso dependeria do que você gostaria de ver primeiro. Eu posso mostrar os segredos da floresta, as cachoeiras escondidas e os desfiladeiros, os lugares onde os unicórnios vão descansar, ou as árvores onde as fadas fazem suas casas. Existem maravilhas neste mundo mais notáveis que qualquer coisa que os humanos possam construir. Eu posso levá-la até eles. Ou... Seus lábios tocaram os dela, uma luz, provocando uma carícia, em seguida pressionava contra eles mais firmemente.

Shana apertou-se contra ele, gemendo suavemente contra sua boca.

Quando ele a puxou contra seu corpo morno e duro mais uma vez ela não resistiu.

* * * *

Lady Olivia caminhava, mãos juntas às costas, calcanhares batendo asperamente no chão do salão de entrada. Max, o velho cão de guarda, estava perto, contraindo as orelhas enquanto a acompanhava com os olhos castanhos solenes. Olivia deu um pontapé irritado nele e o viu correr para longe, as garras arranhando o chão. Ele caminhou para o outro lado do salão e deitou-se, olhando para ela cautelosamente.

Shana tinha desaparecido há uma semana. No dia seguinte a seu desaparecimento, um corvo pousou sobre peitoril da janela de Olivia, um pedaço de papel em seu bico. Escrito no macio lado inferior branco do papel, uma mensagem simples: *Sua filha está bem. Ela retornará em sete dias.*

Ela tinha sido sequestrada? Não, caso contrário o sequestrador teria exigido um resgate. Shana está fazendo, Olivia estava certa disto, algum esquema selvagem.

— Aquela menina, - ela suavemente silvou, e apertou os punhos. Shana sempre tinha sido voluntariosa, mas isto!

Uma semana passou. Se a carta tinha realmente sido enviada por Shana, então ela devia estar chegando hoje.

— Seria melhor para ela, - Olivia murmurou. O dia do casamento está chegando. Se Shana perdesse isso, ela arriscaria a chance em fechar o acordo. Lady Olivia olhou pela janela pela centésima vez.

Só então, ouviu a porta aberta, e voltou-se para ver sua filha entrando. A mão de Olivia voou para sua boca.

— Shana! - Ela chorou.

Max levantou-se, ofegante, abanando a cauda. Ele deu um latido de saudação.

— Eu estou em casa, mãe, - disse Shana. — Como prometi.

Olivia caminhou em sua direção. O alívio deu lugar a uma raiva estrondosa. Como ela ousa? Como ousa?

Ela parou. Existia algo diferente em sua filha. Shana estava diante dela, as costas retas e o queixo erguido. Usava um longo vestido verde, belo em sua simplicidade, e ao redor seu pescoço havia uma corrente de prata delicada com uma grande pedra de âmbar, perfeitamente ovalada.

— O que está errado? - Shana perguntou.

A boca da Olivia abriu e fechou várias vezes. Então se forçou a endireitar e carranca severamente.

— Shana, isto é absurdo. Você desaparece no ar, e agora vem marchando de volta como se nada tivesse acontecido. Como pôde se comportar tão irresponsavelmente? Não a ensinei melhor?

— Eu sinto muito, mãe, - ela disse, entretanto não existia nada embaraçado ou apologético em seu rosto. Ela andou até Max e acariciou suas orelhas. — Eu precisei de algum tempo para mim mesma, para uma decisão importante. Você vê, eu decidi sair de casa.

Por um momento, Olivia não pôde falar. Apenas a olhou fixamente, a boca aberta.

— O que? - Ela disse ofegante afinal. — Absurdo!

— Eu vivi neste lugar desde que eu era uma criança pequena. Eu raras vezes deixei suas muralhas. Preciso ver mais do mundo, - ela disse firmemente. — E... Eu achei alguém de quem eu gosto de muito. Alguém com que pretendo ser feliz.

— Você já é noiva!

— De um homem que eu mal conheço, e sem minha permissão. - disse Shana, seus olhos endurecendo. — Eu temo que Alan tenha que encontrar alguma outra jovem noiva. - Ela de repente sorriu, olhando quase orgulhosa. — Não acredito em que ele me aceitaria mais, de qualquer maneira, desde que não sou mais completamente virginal.

As palavras eram como uma bofetada. Olivia recuou.

— Isto é completamente inaceitável! - Ela estalou. — Eu mandarei os guardas a levarem para o quarto, e ficará lá enquanto eu decido como lidar com este problema.

Shana agitou sua cabeça.

— Não, mãe. - ela disse. — Eu não sou mais uma criança, e não serei tratada como uma.

— Guardas! - Olivia gritou.

— Existe um problema? - Disse uma voz profunda, e um homem entrou no hall.

Max eriçou e começou a latir, mostrando a seus dentes. O homem olhou para ele que ganiu suavemente e abaixou sobre sua barriga, contorcendo-se como um filhote... Como se o olhar do homem o intimidasse.

O homem era alto, ombros largos, pele bronzeada, com cabelos longos e escuros e brilhantes olhos dourados. Ele vestia uma camisa e colete escuro, calça comprida e botas de couro preto. A última vez que Olivia o viu, ele era um lobo, mas ainda assim, não existia nenhum modo dela não reconhecer aqueles olhos.

Ela recuou e sentiu o sangue sumir de seu rosto.

Shana se aproximou do homem e pegou sua mão. Embora ela parecesse pequena e vulnerável próxima a ele, não existia nenhum medo em seus olhos. Ela sorriu calorosamente, e ele sorriu de volta antes de plantar um beijo suave em seus lábios.

O mundo pareceu virado do avesso.

Shana olhou para sua mãe.

— Este é meu noivo - ela disse.

Ouviu-se um baque surdo quando a cabeça da Olivia atingiu o chão. Ela desfaleceu.

Shana suspirou.

— Ela não aceitou muito bem.

Ashrin sorriu.

— Eu acho que não mesmo. - Ele a levou mão. — Vamos voltar para a floresta.

* * * *

Não muito depois, Shana estava deitada de costas, sentindo a grama fresca contra sua pele nua. Ela estremeceu ligeiramente quando uma brisa fresca passou sobre ela. Ashrin a olhou, o calor em seus olhos... Mas existia uma solenidade estranha lá também, em baixo da luxúria.

— Você está certa que quer isto? - Ele perguntou sua voz um sussurro baixo, áspero.

— Nunca quis tanto uma coisa, - disse Shana. Ela se alçou para cima, e seus lábios se tocaram.

Ele os beijou, mordiscando seu lábio inferior ligeiramente... Então deslizou sua língua na boca quente, molhada. Enquanto isso, uma mão deslizou até o montículo de seu sexo. Ela gemeu suavemente contra seus lábios. Segurando seus ombros com força, começou a mover seu sexo contra sua palma. Ele suavemente riu.

— Você está muito ávida.

Ele a empurrou para a grama suave e a cobriu com seu corpo. Ligeiramente, mordeu um de seus mamilos duros, rosados, então recapitularam com sua língua quente. Ele arrastou beijos lentos acima de seu estômago, sua boca apertando firmemente contra sua pele. Ela sentiu o calor de seus lábios demorando em todos os lugares que tocaram, como uma marca. Ela gemeu quando ele beijou desse modo desde o joelho até sua coxa interna suave, atormentadoramente perto do centro dolorido em sua necessidade. Um dedo localizou a fenda molhada, provocando suas dobras, roçando acima do minúsculo broto rosa próximo ao topo de sua fenda. Ela se retorceu, querendo mais.

— Se apresse, - ela arquejou. — Eu preciso de você...

— Paciência. Se eu for muito depressa, machucarei você. - Ele apertou a ponta do dedo contra a abertura de seu sexo. Então, lentamente, ele empurrou um dedo dentro dela, deslizando entre suas paredes quentes, lisas. Ela deu um pequeno suspiro. Ele esperou um momento... então cuidadosamente introduziu outro dedo, estirando seu canal um pouco mais. Ela se contorceu ligeiramente.

— Existe dor? - Ele perguntou.

— Não, - ela mentiu. Machucou só ligeiramente, mas ela não queria que ele parasse.

— Olhe em meus olhos, - ele disse. — Eu posso aliviar a dor para você.

Seus olhos encontraram os seus.

— Relaxe sua mente, insistiu.

Ela sentiu a mudança de consciência dentro dela, sentiu a dor aliviando, desaparecendo. Seus olhos se arregalaram.

— Eu não sabia que você podia fazer isto.

— Existem vantagens de se ter um demônio por perto, às vezes, - ele disse um brilho maroto em seus olhos. Retirou seus dedos, então se posicionou sobre ela e deslizou seu pênis lentamente, suavemente em seu corpo.

Ela ofegou, os dedos apertados em seus ombros. A sensação de ser penetrada era nova e surpreendente. As paredes de seu sexo pareceram estender-se para acomodar o comprimento e largura de seu duro pênis. Por um momento, ele ficou quieto dentro dela... Até o

desconforto passar completamente e ser substituído com uma doçura, formigando calor. Ele começou a se mover, roçando deliciosamente contra a carne lisa e sensível.

O prazer cresceu e aumentou, como a maré, com seus movimentos acelerados. Em breve, ela estava gemendo, baixa e longamente. Envolveu os braços ao redor dele, agarrando-se a seu calor, sua vida, precisando mais dele, precisando dele mais fundo dentro dela. Ela empurrou acima, contra ele, seus corpos cobertos de suor úmido, nus e escorregadios um contra o outro, até que afinal, ela sentiu uma doce e afiada picada em algum lugar em seu interior. Quase ao mesmo tempo, ele liberou sua semente que ela sentiu, quente e líquida, gotejando nas profundidades de seu corpo.

Ela ficou mole, ofegante. Ele se deitou perto dela, acariciando seu cabelo em volta de seu rosto.

— Minha Shana, - ele murmurou sua voz baixa e perto de sua orelha. Ele enrolou ao redor ela, protetoramente, como um lobo protegendo um filhote.

— Isto é real? - Ela respirou. — Não é um sonho?

— Não. Não é um sonho.

Ela fechou os olhos, deixando a perfeição do momento, pairar sobre ela, com medo de fazer ou dizer qualquer coisa, para não perturbar aquela sensação de calor e paz.

Ela perguntou-se se poderia voltar para o mundo humano, e percebeu que não se importava. Para melhor ou pior, ela o escolheu, e nunca olharia para trás.

Depois de algum tempo, virou de lado e começou a acariciar a coxa de seu companheiro de vida. Ela assistiu seu pênis começar a aumentar novamente. Ela tocou-o com as pontas dos dedos, envergonhada a princípio, então com coragem crescente, acariciando a ponta, correndo um dedo ao longo do lado inferior. A pele revestindo o pênis era macia, quase aveludada, mas a carne em baixo era dura e sólida.

Ele riu.

— Você está com fome para mais, já?

— Sim, - ela suspirou. — Eu quero sentir você dentro de mim novamente.

Um dedo ligeiro circulou seu mamilo. Ele o assistiu endurecer, então o rolou entre os dedos, arrastando ligeiramente.

— Como eu devo tomá-la? - Ele perguntou, voltando sua atenção para o outro mamilo, provocando-o até que estava duro e sobressaindo. — Suavemente, ou duro?

— Duro. Eu quero sentir toda sua paixão. Eu quero saber que você me anseia tanto quanto eu anseio por você.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Você está bem? Eu acabei de tirar sua virgindade, afinal. Se desejar descansar e se recuperar, eu não ficarei ofendido, sabe. Enquanto dizia isto, seu olhar se movia sobre seu corpo, demorando no triângulo escuro, de cachos felpudos entre suas pernas.

Ela agarrou seu pênis, sentindo-o duro e vivo em sua mão.

— Eu quero você agora, - ela respirou seus lábios se movendo perto dos dele.

Um sorriso se estendeu através de seu rosto.

— Eu posso ver que estava certo, - ele disse. — Nós vamos nos adaptar bem um ao outro. - Ele a empurrou para o chão novamente.

* * * *

Naquela noite, eles lavaram o suor de seus corpos em um córrego fresco. Shana entrou até à cintura, a água passando por ela, plantas da água roçando seus tornozelos enquanto ela nadava mais para o fundo. Ashrin foi atrás dela. Ele pegou água com as mãos em concha e molhou seus cabelos.

Um arrepio de prazer passou por ela quando a água fresca correu por sua espinha. Gotas da água rolaram por seus seios, pingando dos mamilos endurecidos pelo frio. Ela olhou as estrelas.

— Ashrin? Se nós tivermos um filho, ele será um humano ou um demônio? - Ela quietamente perguntou.

Ele hesitou.

— Ambos. E nenhum.

— Como será a vida para essas crianças?

— Não será fácil, eu temo. Nenhum humano, nem demônio, aceitam completamente ou confiam numa criança de sangue mestiço.

Ela olhou fixamente para a água.

— Eu imagino que nós devíamos ter conversado sobre isso mais cedo.

— Você pensa que teria mudado sua decisão?

Ela pensou que um momento, então agitou sua cabeça.

— Não. Eu não acho. Ainda assim me preocupa. Eu quero que nossos filhos sejam felizes.

Ele colocou a mão quente em sua barriga, como se uma criança já estivesse ali.

— Nossos filhos terão o amor dos pais. E de seus irmãos. Isto é mais do que muitos têm. - Ele acariciou o cabelo de Shana. — Mas vamos simplesmente apreciar a noite, e não nos preocupar sobre o que o futuro pode trazer. - Ele envolveu seus braços ao redor sua cintura, puxando-a mais perto e ela soltou um longo suspiro, seus olhos fechando.

Seus filhos teriam amor. Isso seria suficiente.

Seus próprios pais a amaram? Era algo que se perguntava às vezes. Uma vez ousou perguntar e sua mãe simplesmente disse que parasse de ser tola.

Não percebeu que estava chorando até que Ashrin enxugou uma lágrima de sua bochecha. Sentindo-se tola, virou o rosto.

— Eu sinto muito, - ela disse. — Apenas...

— Eu sei, - ele disse suavemente. — Mas esse tempo ficou para trás. - Ele se abaixou. Sua boca capturou a dela em um beijo, e suas dores e preocupações derreteram como gelo na primavera. Isto era o que ela queria o que ela sempre desejou por sua vida inteira.

Ela era livre... E amada.

O Fim



